

PLANEJAMENTO NA PRODUÇÃO DE TILÁPIAS

Fábio Rosa Sussel

Zoot., Ms., PqC da UPD de Pirassununga do Polo Regional Centro Leste/APTA

sussel@apta.sp.gov.br

A tilapicultura brasileira já passou da fase experimental há muito tempo. O avanço tecnológico da atividade nos últimos anos exigiu a adoção de equipamentos, estrutura e ferramentas de ponta. Plantas frigoríficas funcionando com toda a capacidade, *softwares*, genética, empreendimentos verticalizados (alevinagem, engorda, processamento do peixe, fabricação de ração própria), nutrição de qualidade e tanques rede de grande volume com máquina para despesca (Figura 1), são alguns exemplos reais do que se observa na atividade hoje. Mas o planejamento, na maioria das criações, é uma lástima.



Figura 1. Tanque rede de 240 m³ conjugado com equipamento para despesca mecanizada.

Observa-se que as opções e as oportunidades para a prática de uma piscicultura profissional já existem, porém, considerável parte dos produtores ainda não usufrui dos benefícios que um adequado planejamento pode proporcionar. Situações básicas como programar os ciclos de produção em função de cada época do ano, ainda não são consideradas.

O lucro resulta de uma boa produção com um bom preço de venda. A produção depende do clima e de fatores zootécnicos; o preço, do mercado. De maneira geral, os três aspectos são razoavelmente previsíveis. Mas parece que os produtores não estão muito interessados nisso. Em geral, não exploram estratégias de produção para colocar o produto no mercado em épocas de preços mais favoráveis. Criar peixe sem planejar não é uma atividade profissional e quem assim faz, não tem o direito de reclamar da atividade.

Quando tem muito peixe para vender e o preço está alto, o lucro é bom e o produtor assume todos os méritos. Mas quando o preço cai e o prejuízo ronda a atividade, a culpa é do custo da ração ou de algum vizinho que está colocando muita tilápia no mercado. Em vez de reconhecer que faltou planejamento, o piscicultor prefere se lamentar. Numa cadeia de produção profissionalizada não há espaço para lamentação, sobretudo quando as instabilidades se devem à falta de planejamento.

O preço da ração e o do peixe não pode ser acusado de entravar a atividade. É preciso prever um cenário otimista e um pessimista para cada ciclo de produção. E hoje isso é muito fácil, pois há no mercado vários *softwares* que ajudam nessa tarefa.

Há empreendimentos que exploram estratégias e colhem os frutos do bom planejamento. Entre estes estão os verticalizados, que produzem a ração e os alevinos, engordam e processam os peixes. Estes, apesar de organizados, acabam sendo prejudicados pelos os que não têm planejamento algum. Em função disso, surgem reclamações que geram certa instabilidade na piscicultura, implicando em desconfiança dos órgãos financiadores, fábricas de ração, grandes investidores, produtores de alevinos, etc. O prejuízo se estende a toda à cadeia de produção. Por isso se insiste: não basta ser produtor, é preciso ser também estrategista.

Recomenda-se uma análise prévia do mercado antes de ingressar na atividade. Produzir peixe é fácil, muito fácil. Já dispomos de tecnologias bem estabelecidas para todas as etapas do cultivo. Porém, não basta produzir. É necessário produzir com eficiência, além de vender bem também. Assim, sugere-se que antes mesmo dos peixes atingirem o tamanho

de abate tenha-se em mente quem serão os prováveis compradores. Culturas zootécnicas mais tecnificadas, como a suinocultura e avicultura, por exemplo, não permitem erros de estratégia tanto na produção quanto na comercialização. E assim caminha a aquicultura. Os primeiros a adotarem profissionalismo nas distintas etapas, irão usufruir de maiores lucros.

Situação nos grandes polos produtores de tilápia

A tilapicultura no Brasil esta estrutura basicamente em quatro polos de produção. São eles:

- 1- **Nordeste**, produção em tanques rede que compreende a região de Paulo Afonso (BA) e os grandes lagos do Ceará;
- 2- **São Paulo**, produção em tanques rede nas regiões de Santa Fé do Sul, baixo Tietê, médio Paranapanema e vale do Paraíba;
- 3- **Paraná**, cultivo em tanques escavados na região de Toledo e em tanques-rede no rio Paranapanema e,
- 4- **Sul de Minas Gerais**, cultivo em tanques rede no reservatório de Furnas.

A seguir um breve relato sobre a situação da atividade em cada um destes polos.

1- Nordeste

No Nordeste, o custo da ração ainda é o mais alto do País, mas vem baixando ano a ano. A diferença, que já foi da ordem de 30%, atualmente está na faixa de 15%. As fábricas de ração instaladas na região estão descobrindo novos fornecedores de matérias-primas, o que lhes permite oferecer o produto a preços menores. A região é a maior produtora de tilápias do Brasil e o custo mais elevado do arraçamento não tem impedido o crescimento contínuo da produção. O preço do peixe é maior nesta região que no restante do País, compensando a diferença de custo de produção. Em fevereiro de 2012, a tilápia eviscerada com peso médio de 1 kg era vendida a R\$ 4,50 na propriedade. Na mesma época, a ração com 32% de proteína bruta (PB) custava entre R\$ 1,25 e R\$ 1,30/kg.

2- São Paulo

Em São Paulo, novos investidores estão entrando na atividade e os mais antigos vêm aumentando a produção. A maior parte do peixe produzido, em torno de 85%, é processada em frigoríficos especializados para venda em filés. Os frigoríficos balizam os preços do

mercado. Compram grandes volumes, mas pagam menos que as outras opções de comercialização – Ceagesp e pesque-pagues.

As margens de lucro mais apertadas da piscicultura paulista exigem profissionalismo e planejamento da produção. Em fevereiro de 2012, a tilápia, que nesta região é despescada com peso médio de 750 g, valia de R\$ 3,40 a R\$ 3,60/kg e o preço da ração com 32% de PB oscilava de R\$ 1,05 a R\$ 1,15/kg.

Os produtores mais organizados, que fornecem diretamente ao frigorífico, têm custo de produção entre R\$ 2,30 e R\$ 2,50/kg. Os demais gastam em média R\$ 2,90 para produzir 1 kg do peixe.

Estima-se que a produção mensal de tilápias no estado de São Paulo esteja ao redor de 1.500 toneladas. Configurando-se como o segundo maior produtor, atrás somente do Ceará.

3- Paraná

Assim como em São Paulo, também há novos investidores no Paraná. O alvo são os tanques-rede do rio Paranapanema. Produtores mais antigos também estão aumentando o número de tanques-rede. Em fevereiro de 2012, o preço da tilápia na região estava em torno de R\$ 3,50/kg, com peso de abate de 800 g. A ração de terminação (30% a 32% de PB) custava de R\$ 0,85/kg (ração de cooperativa) a R\$ 1,20 (ração de fabricantes especializados).

No oeste do estado, na região de Toledo, as tilápias com 650 g criadas em tanques escavados eram vendidas entre R\$ 2,50 e R\$ 2,80/kg. A ração custava em torno de R\$ 0,90/kg. A tilápia de Toledo tem o menor preço do Brasil, mas o custo de produção também é o mais baixo.

4- Furnas

A produção do novo polo, no lago da hidrelétrica de Furnas, em Minas Gerais, vem crescendo de forma sólida e se destina à venda para frigoríficos. Os preços pagos aos produtores têm sido excelentes, mas há tendência de queda com o aumento da produção. Em fevereiro de 2012, a tilápia valia R\$ 4,50/kg, e a ração (32% de PB) custava entre R\$ 1,15 e 1,20/kg.